



Biografia de
Bill Wallace

2008. Este livro foi digitalizado mantendo a sua integridade gráfica. Por isso o aspecto quanto à qualidade de texto e imagem contidos nesse livro digital estão comprometidas. A capa foi criada especialmente para esta edição não-oficial do livro.



BIOGRAFIA DE BILL WALLACE – FIEL ATÉ A MORTE



Biografia de
Bill Wallace

Fiel até a morte

Biografia de
Bill Wallace

1 Uma Missão Inesquecível

A Chamada

Bill Wallace era um moço magro, de cabelos louros em desalinho, filho de médico e conhecido por sua fenomenal capacidade em mecânica. Estava agora com 17 anos de idade.

Numa certa ocasião, trabalhava na garagem de sua casa. Não havia movimento algum. O ar estava parado, e na quietude parecia estar suspensa a contagem das horas. O sol brilhante penetrava na garagem, onde Bill Wallace estava sentado, e iluminava parcialmente um Ford meio desfeito e uma banca suja de óleo, sobre a qual se achavam uma ferramenta e um pequeno Novo Testamento.

De súbito, algo diferente perturbou-lhe o espírito. Pouco a pouco foi parando o trabalho até ficar completamente imóvel. Pondo de lado a chave, apanhou o Novo Testamento à procura da resposta a uma pergunta que dominava a sua consciência: que faria ele de sua vida? — em outras palavras, o que Deus queria que ele fizesse de sua vida?

Ninguém que o observasse naquele momento teria reconhecido a força que operava em seu íntimo naquela tarde quente e silenciosa, e que iria mudar para sempre o curso de sua vida. Uma mudança completa se operava no seu coração.

Será que o Espírito Santo de Deus marca os homens e os designa para tarefas especiais em circunstâncias tão simples? Sim. Naquela ocasião Ele assim operou e o milagre se deu na garagem: o futuro mecânico, sem nenhuma dúvida, percebeu que

Deus o chamava para ser um médico-missionário em sua santa seara. O gesto imediato de submissão foi rabiscar no Novo Testamento, manchado de graxa das mãos, o seu propósito e em seguida entregá-lo à irmã. Este ato, porém, de modo algum revelava a profundidade de sua experiência de chamada. Era costume de Bill nunca deixar transparecer a verdadeira emoção que estivesse sentindo.

Isto aconteceu no dia 5 de julho de 1925. Um jovem aceitou o caminho que Deus indicava. A significação daquela chamada tornou-se mais importante quando se fundiu com outro acontecimento ocorrido nove anos mais tarde, a meio mundo de distância.

“Ó DEUS, DÁ-NOS UM CIRURGIÃO!”

Os anos se passaram. É outono de 1934. A antiga cidade de Wuchow, na China, está situada a mais de quatrocentos quilômetros acima do Rio Oeste. Ali o clamor de um povo sofredor foi atendido pelo **Hospital Memorial Stout**, abrigado num edifício de pedra, de cinco andares, monumento à compaixão de Cristo nos corações de homens dedicados. Num pequeno escritório com vistas para a cidade, cujo porto de ingresso livre dominava a confluência dos rios — Fu e Oeste, o **administrador** Dr. Roberto Beddoe, calvo e metódico em suas maneiras, empregava seus melhores esforços para atender o clamor de um povo aflito.

O escritório parecia reter o calor. Montões de correspondência, prateleiras transbordantes de livros, fichários sem conta e uma enorme e antiga escrivãzinha enchiam-no a ponto de sufocação. Sobre a escrivãzinha repousava uma velha máquina de escrever, cansada pelos serviços prestados. Enxugando o suor com um lenço ensopado, o médico, que consagrara os melhores anos de sua vida a manter aquele posto de misericórdia erguido pelos batistas do Sul dos Estados Unidos, suspendeu um momento seu trabalho na velha máquina (ele costumava referir-se a si mesmo como o mais veloz datilógrafo do sistema de dois dedos, na China) e olhava através da pequena janela. Que via ele? Cisnes preguiçosos que nadavam nas águas mornas do Rio Oeste, indiferentes a atividade lá embaixo. Dr. Beddoe observava que o tráfego do rio estava congestionado, provavelmente devido aos movimentos de tropas do Generalíssimo Chiang Kai-shek para o oeste, a fim de liquidar os núcleos comunistas que resistiam aos seus esforços de unir as províncias chinesas sob a liderança do Partido Nacionalista.

Pela porta aberta, ouviam-se os sons familiares da atividade hospitalar e sentiam-se os odores característicos do ambiente. O administrador aspirou o ar distintivo de seu mundo: anti-sépticos, drogas, éter, o detergente empregado na lavagem dos imaculados uniformes brancos dos auxiliares e enfermeiras, tudo isso entrelaçado com os onipresentes odores da China. Esfregou os olhos, que eram há tempo seu “espinho na carne”, e começou a datilografar mais uma vez.

Sua carta dizia: “A história do Hospital Memorial Stout é extensa e nobre. Os batistas norte-americanos têm razão de se regozijar do que se tem conseguido em nome do Senhor Jesus Cristo. Estamos em perigo de perder a nossa posição conquistada com tão grande sacrifício, e de negligenciar flagrantemente as responsabilidades que são nossas, neste deserto de sofrimento e paganismo. Sem cirurgião, o hospital está servindo numa capacidade limitadíssima, e sua potência, como instituição educativa e farol iluminador por toda a China não se realiza.

“Precisamos de outro médico-missionário, cirurgião, que possa fazer intervenções cirúrgicas, as quais não me é possível fazer, desde que os meus olhos enfraqueceram há anos. Repito: temos que ter um cirurgião, e logo!

“Apelo para vós, por amor a todos os sofrimentos que conheceis aqui. Mandai-nos um cirurgião!”

Bill Wallace Escreve à Junta

Enquanto isto, lá na América do Norte, na cidade e Knoxville, Estado de Tennessee, está Bill Wallace, que havia se tornado um hábil cirurgião, graças à sua obediência à vontade de Deus.

A carta que estava escrevendo foi interrompida pelo menos uma dúzia de vezes. Finalmente, conseguiu terminá-la, e endereçou um envelope à Junta de Missões Estrangeiras, em Richmond, Estado de Virginia. Dobrou o papel, prestes a pô-lo no envelope, quando resolveu reler o que havia escrito:

“Eu me chamo Guilherme L. Wallace e sou cirurgião-residente do Hospital Geral Knoxville, de Knoxville, Tennessee.

Desde meu último ano ginásial, sinto que Deus deseja que O sirva num campo missionário como médico, e preparei-me com este objetivo. Fiz o curso propedêutico na Universidade de Tennessee de Memphis, no mesmo Estado. Já servi como médico interno e agora sou cirurgião-residente.

Não sei bem as informações que a Junta exige, mas sou solteiro, com 26 anos de idade e membro da Igreja Batista Broadway. Minha mãe faleceu quando eu tinha apenas 11 anos, e meu pai, também médico, morreu há dois anos atrás. Somos dois filhos: minha irmã Rute Lynn, que está para casar-se, e eu.

Confesso que não sou bom orador e nem possuo dons de magistério, porém, julgo que Deus pode servir-se do meu preparo médico. Humildemente, ofereço meus préstimos como missionário-médico à Junta de Missões Estrangeiras.

Nas minhas orações, meus pensamentos focalizam a África, mas irei para onde houver necessidade de um médico.”

Ao reler a carta em que procurava dar o último passo na realização de seu propósito, Dr. Bill Wallace sentiu que não expressava tudo, mas, como era de natureza retraída, resolveu parar ali. Vagarosamente, selando o envelope, levantou-se da mesa da enfermeira de plantão, meteu o estetoscópio no bolso do paletó branco e a poucos passos colocou a carta no correio. Uma janela no fim do corredor revelava o amanhecer de um novo dia.

A depressão financeira dos anos de 1928 a 1933 deixou a Junta de Missões Estrangeiras em condições apertadas, mas o novo secretário-executivo, Dr. Carlos Maddry, esperava conduzir as igrejas batistas a uma nova visão de Missões. Foi Dr. Maddry quem recebeu a carta de Dr. Beddoe e de Mr. Wallace nos fins de 1934. As duas cartas simbolizavam a esperança que coloriu seus sonhos. Uma carta que veio da China expôs a necessidade; uma que veio de Knoxville apresentou os meios de satisfazê-la. O homem e a necessidade foram o resultado de uma coincidência ou de um propósito? É assim que Deus age.

Na sua imaginação, Dr. Maddry já apresentava um ao outro: — “Dr. Wallace, desejo apresentar-lhe Dr. Beddoe. O senhor é a resposta às orações dele.”

Precisava, contudo, investigar as credenciais do candidato, pois a Junta não podia arriscar-se a nomear alguém inexperiente, ou a quem faltasse o devido caráter cristão e a necessária consagração. As respostas às suas cartas de indagações fizeram ótimas referências ao jovem médico.

Dr. Maddry, satisfeito com as informações que recebera, escreveu para Dr. Beddoe na China: “Temos quase certeza de que já se encontrou o cirurgião para o hospital que dirige. É um jovem chamado Guilherme Wallace, do Hospital Geral de Knoxville. Está bem preparado e parece de caráter exemplar.”

Mas Deus preparava uma prova sutil para o médico moço. Quando Dr. Peters, um dos médicos mais conhecidos na cidade

e amicíssimo de seu pai, mandou-lhe um recado para aparecer em seu consultório, Bill Wallace ficou eletrizado. Atendeu o convite e ao chegar lá o eminente médico estendeu-lhe a mão dizendo: “Guilherme, você está ganhando nome no Hospital. Tenho grande satisfação em tê-lo recomendado”.

Os amigos de seu pai chamavam-no Guilherme, mas os amigos dele apelidaram-no Bill.

— “Dr. Peters, aprendi muito como cirurgião-residente, mas tenho sede de adquirir maiores conhecimentos.”

— “Boa atitude, Guilherme. Apesar das prementes ocupações da carreira que abraçou, nunca deixe de estudar. Resolva praticar somente a medicina excelente durante toda a sua vida. Não esteja nunca satisfeito com o fácil ou com o inferior.”

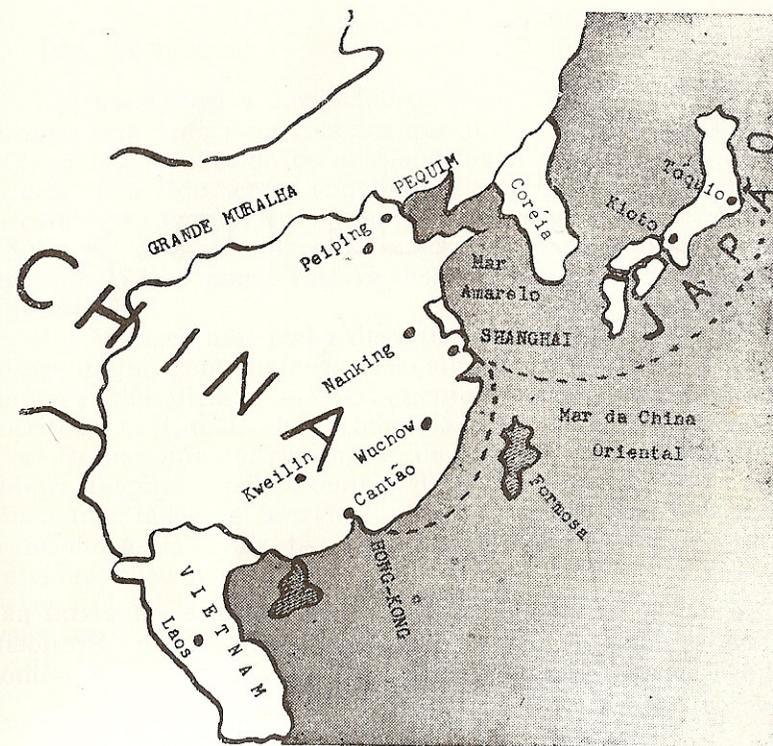
Bill Wallace iria lembrar-se desse conselho durante a vida inteira, aplicando-o à sua profissão.

Dr. Peters continuou: “Guilherme, depois de muito estudo e observação, resolvi oferecer-lhe o lugar de médico associado no meu consultório e, com a experiência ganha, depois seremos sócios no mesmo pé de igualdade.”

Bill ficou pasmado com o convite para trabalhar lado a lado com o médico mais famoso da cidade. Receberia um ordenado substancial, o prestígio seria incalculável e as oportunidades de fazer guerra às doenças e à morte seriam ilimitadas. Tentação das mais sutis à obediência à chamada divina.

Depois de alguns dias, entregou-se à oração para saber qual a vontade de Deus para ele. Devia a Dr. Peters a consideração de ponderar bem sobre o convite feito. Dinheiro? Não lhe interessava. Um colega disse dele: “Bill seria considerado esquisito para os materialistas. Denominá-lo-iam excêntrico ou visionário, pois quando os clientes perguntavam o preço da consulta, ele muitas vezes respondia: “Não é nada!” Era todo caridoso, uma espécie de místico, andando nas nuvens, procurando as estrelas como se fossem seres terrestres, gastando seu tempo a calcular centavos e cruzeiros, andando e trajando-se muito abaixo do nível em que vivia e convivia.” Fama? Não a almejava, pois serviria de embaraço a uma personalidade retraída. Por que, então, o convite de Dr. Peters era uma tentação tão forte? Porque lhe abria a porta para aprender mais, aperfeiçoar-se, explorar as fronteiras da ciência médica. No campo missionário seria mais difícil adiantar-se no conhecimento.

Já vivia sob as ordens divinas durante anos e não iria abandoná-las agora. Deus o chamou e o preparou para uma vida inteiramente diferente. Agradeceu a Dr. Peters e tentou expli-



A antiga cidade de Wuchow, na China, está situada a mais de quatrocentos quilômetros acima do Rio Oeste.

car-lhe o motivo que o levava a decidir-se pelo campo missionário. Na volta para casa, lembrava-se da última carta que recebera de Dr. Beddoe:

“Eu importunava a Junta para nos enviar um cirurgião moço. Parece-me que o irmão é justamente o indicado para esta tarefa. Oro e espero que assim seja. O pastor do irmão o recomenda sem reservas. Se for o escolhido de Deus, peço encarecidamente que venha logo. O tempo está abreviado. Temos que dar a nossa contribuição enquanto é dia.

Poderia levar horas a informar-lhe da situação aqui. Sinceramente, acredito que o irmão ficará empolgado com as possibilidades, mas o tempo de que disponho para cartas é limitadíssimo e não ocuparei o seu. É uma oportunidade sem igual para alguém inflamado com o desejo de glorificar a Deus. Espero nele que o irmão seja o homem para esta hora.”

Bill também sussurrava uma oração no íntimo, para que fosse ele o homem.

2 Chegada na China

Despedida da Terra Natal

No dia 6 de setembro de 1935, Bill Wallace embarcou para a China, saindo do Porto de São Francisco, no navio "Presidente Coolidge". Dentro de um mês deveria ele chegar à maravilhosa cidade de **Hong Kong**.

Ia com o coração cheio de saudades. Lembrava Knoxville, sua terra natal. Recordava as inúmeras provas de amizade por parte dos membros da **Igreja Batista de Broadway**, sua querida igreja, que, num gesto de profunda gentileza para com ele, resolveu levantar uma grande oferta, que correspondeu a um ano de salário, pagamento a um professor para um ano de estudos da língua chinesa, enxoval e auxílio para mudança, além das despesas de viagem. Comumente, era a Junta de Missões Estrangeiras que se responsabilizava por estas despesas, mas o povo de Broadway quis o privilégio de enviar à Junta o dinheiro para tudo isto. O desafio missionário, agora, tinha outra significação para aqueles crentes que enviavam um dos seus para servir na China longínqua. Bill Wallace continuava recordando sua despedida. O programa no domingo de manhã na ocasião do culto. Depois, aproximadamente duzentas pessoas foram levá-lo até à estação. Que momento difícil foi aquele! Não somente porque deixava seus entes queridos — sua irmã estava casada há apenas duas semanas — mas porque não se sentia merecedor daquelas homenagens.

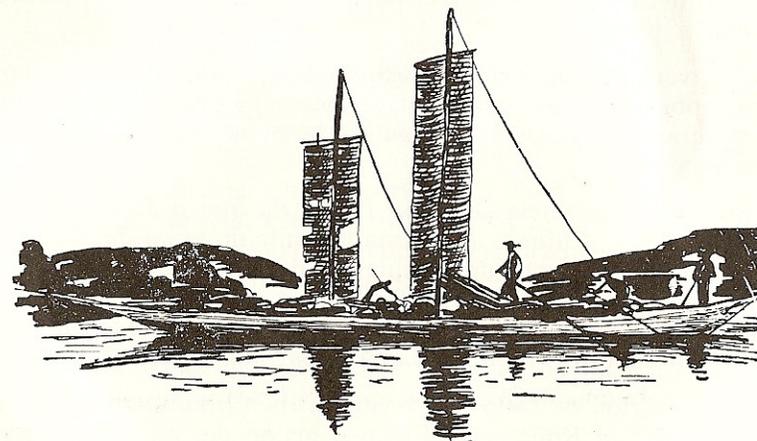
No Navio

Um passageiro a bordo falava a Bill: "O senhor tem uma herança bem antiga na carreira que inicia. Desde o século VIII, a China tem conhecido os missionários cristãos, porém, o destino deles tem sido serem engolidos e enterrados na obscuridade. Os católicos romanos enviaram seus emissários nos séculos XIV e XV, mas os imperadores chineses decretaram o Cristianismo ilegal em 1724, e pouco restava dele depois dos seus esforços em exterminá-lo."

Bill Wallace mal podia desviar os olhos da cena exótica da paisagem que contemplava, mas ainda assim escutava o companheiro que dizia: — "Certamente ouviu falar em Roberto Morrison. Na China, ele é chamado o pai das missões evangélicas. De nascimento, era inglês, de religião, era batista como o senhor. Inspirado pelo exemplo de Guilherme Carey, na Índia, transpunha todas as barreiras a fim de abrir caminho para o Evangelho nesta civilização antiqüíssima. Dizem que quando um indivíduo caçou de Morrison, dizendo - "Então o senhor veio abalar a idolatria pagã do grande império chinês?" - ele simplesmente respondeu: "Não, senhor, mas espero que Deus o faça."

Bill Wallace seguiu com os olhos uma **sampana** (*) no mar, manobrada por uma dúzia de meninos, que desejavam mergulhar à cata de moedas que os passageiros lhes jogavam do convés do navio.

O companheiro puxava conversa: "Seguindo Morrison, muitos outros chegaram ao Oriente, convictos de que Deus os envia-



Uma Sampana

(*) Sampana — espécie de embarcação

ra. Pagaram um preço tremendo. Diz-se que, naqueles dias primitivos, a média da vida de um missionário era de 7 anos, depois de pisar em solo chinês. Nos cinquenta anos depois de Morrison, somente um chegou à idade de 40 anos. Como médico, o senhor tem muitos pobres predecessores.”

Bill guardava toda informação que colhia. Sabia que estava indo para a terra da Rebelião Boxer de 1900, quando centenas de missionários evangélicos e milhares de crentes chineses foram mortos por um regime reacionário. Recusaram-se a renunciar o Salvador a fim de obter a liberdade, preferindo selar o testemunho de sua fé pelo próprio sangue. Mas, agora, no civilizado século XX, a maioria dos missionários pensava que nunca mais se repetiriam tais provas: passara-se a época quando os obreiros provavam a fé pela morte.

Desembarque na China

Em menos de um mês, o navio atracou no cais de Hong Kong, após breves escalas em Tóquio e Shanghai. Bill Wallace ficou maravilhado com a cidade de Hong Kong, que ultrapassou a sua expectativa.

A porta de entrada do antigo reino chinês impressionou-o como incrivelmente fabulosa, misteriosa e encantadora. Uma mistura de vistas, sons e odores assaltaram-no. Paisagens majestosas, sampanas coloridas, edifícios grandiosos, sujeira imensa e sofrimento, tudo isto fazia parte da cena. Multidões estavam em toda a parte.

O jovem missionário, assustado com tudo o que testemunhava, apoiava-se no corrimão do convés, e procurava aceitar o fato de que se achava às portas da terra na qual ele pretendia gastar sua vida.

Fora as províncias da Manchúria, de que o Japão se apropriou em 1932, a China é aproximadamente do tamanho do Brasil, mas possui um quarto da população do mundo. É uma nação que tem testemunhado o levantamento e a queda de grandes civilizações históricas, e também é cenário das mais heróicas e dramáticas atividades missionárias na expansão do Cristianismo.

Missionários de todos os recantos da China se encontraram no cais de Hong Kong, pois Bill e o grupo de obreiros que veio com ele foram os primeiros missionários a chegar depois de mais de dez anos. Todos estavam transbordantes de alegria. En-

tre os recepcionistas estava Dr. Beddoe, que viera dar o bem-vindo ao médico pelo qual havia orado e esperado durante anos.

Viajando para Wuchow

Imediatamente, Dr. Beddoe e Bill embarcaram num navio fluvial com destino a Wuchow. A embarcação estava apinhada de quatro classes de passageiros e de uma carga variada. A viagem de 484 quilômetros rio acima, normalmente, levava 24 horas, porém, dificilmente cumpria o horário por causa da enchente e dos piratas fluviais.

O jovem americano devorava avidamente a cena que se desenrolava à beira do rio. A terra plana se elevava em montanhas, as vilas eram construídas à margem do rio, os cules (*) com seus chapéus de palha de abas largas, cultivando as plantações de arroz ou manobrando com os pés uma rústica bomba d'água ou puxando um bote. Perto das vilas, centenas de crianças nuas brincavam n'água, enquanto as mães lavavam roupas com o auxílio de paus lisos.

Dr. Beddoe indicava as casas toscas cobertas de palha, tendo piso de terra batida e janelas de papel, pois vidro era caro e escasso. As dependências se construíam com bambu, porque sendo madeira material preciosíssimo, os fazendeiros empregavam-na apenas para traves, para instrumentos de roça, para caixões ou móveis.

Nos pátios das pequenas casas, Bill via mulheres tecendo e costurando roupa ou preparando as refeições, velhos procurando o calor do sol, crianças brincando, porcos rolando na lama e galinhas ciscando o chão à procura de grãos. Notou a pobreza, a sujeira e a enfermidade, porém observou mais as pessoas. Elas o atraíam, pois eram agora povo seu, e a China, seu novo lar.

A embarcação penetrou numa garganta profunda, onde os raios do sol nos rochedos se transformavam em prismas de muitas cores. Dr. Beddoe, porém, avisava: “A passagem nesta garganta é linda, mas, na estação chuvosa, o Rio Oeste une-se com o Rio Fu, em Wuchow, provocando cheias bruscas e devastadoras. A garganta estreita não dá passagem às águas, e estas recuam até à chácara de nosso hospital.”

Naquele momento, do alto de uma colina, a silhueta de um pagode (*) surgiu contra as nuvens brancas. A cidade de Wuchow apareceu. A confluência dos dois rios estava congestionada.

(*) Cules — espécie de carregadores, trabalhadores rústicos.

(*) Pagode — espécie de pavilhão que os chineses usam para culto e adoração de seus deuses.

da de sampanas, juncos e jangadas. A maior parte servia de moradia às famílias. Roupa lavada estava estendida de uma embarcação à outra. Enquanto o navio ancorava, Dr. Beddoe apontou o grande prédio de cinco andares no declive de uma elevação: o HOSPITAL MEMORIAL STOUT.

Bill quis prestar atenção à conversa dos dois casais de missionários que foram ao encontro do navio, mas na subida para o Hospital havia tanta coisa para apreciar... Havia muito movimento de carroças sobrecarregadas, jinriquixás (*) e bicicletas. Ficou boquiaberto diante das lanternas enormes, feitas em papel vermelho, enfeitando a frente de todas as lojas e enfiadas em linha através das ruas.

Chegando ao Hospital, Bill não estranhou o novo ambiente. No quarto dia, depois da chegada, operou numa emergência e conquistou o coração da equipe hospitalar, pois esta reconheceu logo a técnica e a habilidade que possuía. Dois dias mais tarde, operou novamente, e todo o pessoal que podia foi observá-lo.

Primeiro Ano de Atividades

No fim de seu primeiro ano na China, Bill Wallace se encontrava sem qualquer colega americano em Wuchow, pois estes acharam prudente conduzir suas famílias para Hong Kong, enquanto o Generalíssimo lutava com forças que lhe eram hostis na região de Wuchow. Certa tarde, um oficial da Marinha Americana subiu os degraus do Hospital, a fim de levar-lhe um recado: "O capitão não pode se responsabilizar pelo senhor, se permanecer na cidade hoje à noite."

Bill sorriu e respondeu: "Diga ao capitão que ele não é responsável por eu estar aqui, e por isso não deve preocupar-se comigo. Agradeço seu cuidado, pois sei que ele quer me ajudar, mas julgo que não vou precisar dele."

Antes de anoitecer, o mesmo oficial reapareceu dizendo:

— O capitão manda convidar o doutor para jantar com ele a bordo do navio de guerra hoje à noite.

— O capitão está empregando um truque para levar-me prisioneiro? — indagou Bill.

— Não, senhor. É aniversário dele e deseja a companhia de um conterrâneo.

(*) Jinriquixá — carrinho de duas rodas para uma ou duas pessoas, puxado por um homem. Também chamado jinrixá.

— Irei com prazer. Será um alívio comer com garfos, pois não consigo alimentar-me com esses palitos que me oferecem no Hospital.

Naquela noite, no meio do Rio Oeste, onde o navio de guerra americano estava ancorado, Bill jantou com dois industriais americanos. Antes de se separarem, o capitão expressou o pensamento que os três guardavam: "Por que o senhor, cirurgião hábil e ainda moço, escolheu este remoto lugar, esquecido por Deus, para aqui gastar sua vida?"

Bill sorriu para eles. Não era a primeira vez que enfrentava essa interrogação, e não seria também a última.

Disse-lhes: "Não é fácil explicar. Não sou fugitivo de minha terra, nem fiquei decepcionado em algum namoro, nem consta meu nome em qualquer registro policial."

O capitão insistiu: "Mas o que foi que o levou a vir para cá?"

Bill reconheceu que era uma pergunta séria, e respondeu: "Meu pai era médico, mas a profissão dele não me atraía. Meu amor era pela mecânica. Um motor à gasolina ou elétrico é a coisa mais interessante do mundo; mas, uma tarde, sozinho, uma inquietação de espírito convenceu-me de que eu não estava fazendo a vontade de Deus, e, embora a minha decisão tenha sido feita há 11 anos, hoje estou mais certo do que nunca de que Deus me estava dirigindo."

Levantando-se do lugar onde estava sentado e apontando através da portinhola, disse: "Tenho certeza de que a minha felicidade e satisfação, a verdadeira significação de minha vida, estão ali, no alto daquela colina."

Bill tornou-se embaraçado diante do olhar penetrante dos companheiros e acrescentou: "Não desejo parecer místico, herói ou piedoso; sou o pior pregador do mundo, um covarde provado e cirurgião medíocre." Os companheiros que o ouviam nunca esqueceram o testemunho de humildade e modéstia do jovem médico.

O primeiro ano de estudos da língua chinesa, Bill passou numa escola com outros obreiros evangélicos, mas no segundo ano preferiu ficar no Hospital, estudando nas horas livres. Ele operava toda a manhã e passava a maior parte da noite entre os doentes. À tarde, dedicava-se ao estudo. Antes de amanhecer o dia, passava a vista nos registros a respeito dos doentes a serem operados, superintendia os preparativos e instruía os auxiliares.

Antes do desjejum já havia operado algum doente ou, no caso de serem pequenas intervenções, fazia diversas. As estranhas doenças levavam-no a fazer, às vezes, operações de que nunca havia testemunhado. Removia bóciós, inumeráveis tumores de tamanho incrível, operava olhos, lábios leporinos e céu da boca, diariamente. Operações de apendicite, amputações, obstetricia complicada, e muitas coisas mais, faziam parte da lista interminável de seus trabalhos.

Bill adquiriu o conceito de benemérito. Operou com êxito o lábio leporino de uma menina e, quando esta conseguiu falar com clareza, a mãe agradecida informou a todos os doentes que encontrava que conhecia o maravilhoso Waa I Saang (*), em Wuchow. Antes, a menina havia sido ridicularizada pelos colegas e foi alvo de pauladas e pedradas na rua. Quando a mãe soube da ameaça de um pai: jogar fora um filho por causa de um pé aleijado — levou a filha curada e foi visitar a mãe aflita, dizendo: “Leve o filho a Waa I Saang, em Wuchow; ele fará de novo um pé para o menino. Ele fez a minha filha ficar bonita, igual às outras crianças.”

O incidente deu a Bill um prazer incomum. Não que ele estivesse desejando que alguém o julgasse capaz de fazer milagres, mas porque crianças foram salvas de perseguição cruel.

Havia, contudo, horas de frustrações. Uma pequenina foi admitida no hospital, sofrendo difteria. Apesar de todo o cuidado, inclusive uma traqueotomia (**), a menina morreu. Bill apanhou delicadamente o corpinho sem vida e contemplou o rostinho imóvel. Quando os pais foram introduzidos à presença dele, Bill lhes explicou no dialeto cantonês (de uma cidade da China), errado e reticente, mas com uma ternura que se revelava através de barreiras lingüísticas, tudo o que acontecera e consolava-os dizendo da maneira como Cristo amava as crianças.

Dr. Beddoe, escrevendo para a Junta, na América, deixava transparecer sua alegria, relatando que o número de pacientes aumentara de 50% depois da chegada de Bill, e que o Hospital havia experimentado um avivamento espiritual. Os chineses de Wuchow ouviram muitos sermões através dos anos, mas em Bill Wallace observaram um sermão vivo e o impacto se fez sentir.

(*) “Waa I Saang” — significa Doutor Wallace.

(**) Operação que consiste em abrir a traquéia.

3 O Missionário Médico na Guerra

Generalíssimo Chiang Kai-Shek

Era o líder da maioria na China. Seus exércitos entraram em luta contra os comunistas que queriam dominar o território chinês. Em certa ocasião, o Generalíssimo Chiang Kai-shek visitava uma província setentrional, a fim de conferenciar com o governador militar. Os comunistas aproveitaram a ocasião e, em plena luz do dia, atacaram a comitiva e seqüestraram o Generalíssimo. Exigiram maior participação no governo, mas o líder da maioria resistiu. Finalmente, eles o libertaram a fim de que o governo e comunistas fizessem frente única contra o inimigo comum — o JAPÃO.

Por cinco anos, os japoneses fizeram planos para conquistar a China. Primeiro, apossaram-se da Manchúria. Depois, tomaram conta do território ao norte da Grande Muralha. Achando que a situação lhes era favorável, resolveram invadir o velho império chinês imediatamente.

Os japoneses esmagaram as defesas chinesas com aparente facilidade e o mundo inteiro testemunhou, com horror e incredulidade, o assassinato de milhões de vidas e a devastação de cidades inteiras.

Um dos alvos principais dos japoneses foi atingir a bacia do Rio Oeste, entre a cidade de Cantão e de Nanking, e Wuchow estava no centro. O cônsul americano aconselhou os conterrâneos a deixarem a cidade imediatamente, mas os bombardeios ainda não haviam aparecido, de forma que os missionários americanos continuaram o seu ministério no Hospital.

Primeiro Bombardeio Japonês

No dia 19 de dezembro, na casa dos Beddoes, que era seu lar, Bill pulou da cama antes da madrugada e, silenciosamente, dirigiu-se ao Hospital. Pegou no Novo Testamento (o mesmo do dia de sua momentosa decisão), leu rapidamente uns versículos e, depois de uma breve oração, preparou-se para as operações matutinas. Saiu para a varanda, a fim de apreciar o amanhecer de um novo dia. O nevoeiro se evaporava do rio, deixando aparecer as redes e os botes. A grande "banyan", na chácara, parecia tão verde quanto os bambus que marginavam o rio Fu à sua direita. Tudo parecia limpo e novo. Uma alegria e paz interior invadiram todo o seu ser. De repente, a sirene avisando a aproximação de aviões inimigos quebrou a calma matutina. Ouviu-se muitas vezes falar do ensaio – mas agora avistava-se o emblema vermelho do sol nascente nas asas dos bombardeiros.

Dr. Beddoe correu para perto de Bill e juntos acalmaram os doentes aterrorizados, e deram ordens às enfermeiras de mudar tudo para o porão. A explosão de bombas e o trovejar de canhões ressoavam dentro do prédio, mas cinco lajes de concreto protegiam os doentes, que agora estavam alojados no andar subterrâneo. Bill subiu ao teto e contou onze aviões da esquadrilha japonesa, por cima da cidade. As primeiras bombas caíram alguns quilômetros distante, mas as últimas explodiram tão perto do Hospital, que sacudiram as paredes e despedaçaram as vidraças. O inimigo desapareceu, mas deixou dúzias de incêndios e uma cidade no caos. Bill iria testemunhar outros bombardeios, mas a impressão do primeiro foi a mais profunda.

Outros Ataques dos Japoneses

Dois meses depois, os bombardeios japoneses voltaram em maior número e, voando baixo, fuzilaram impiedosamente todos os infelizes expostos à sua mira.

O ataque se deu quando Bill estava operando, mas tudo terminou bem, embora tivesse de proteger o paciente contra os vidros despedaçados. Nos dias seguintes, ele operou sem descansar, procurando costurar terríveis rasgos em corpos humanos, amputando braços e pernas, procurando refazer rostos incrivelmente mutilados. Foi duplo o número de feridos neste ataque, em relação ao primeiro.

Bill trabalhou tanto ao ponto de ficar exausto. Saiu para um ligeiro passeio de seis semanas, a conhecer outras partes da velha

China, antes que esta fosse entregue aos japoneses. A viagem lhe restaurou as forças, mas quinze dias depois de chegar novamente a Wuchow, a 17 de setembro de 1938, dezenove bombas caíram dentro da chácara do Hospital. Bill já havia feito a incisão numa intrincada e perigosa operação abdominal. Sua voz amortecida pela máscara, porém calma e autoritária, deu as ordens: "Miss Luk e Dr. Leung, fiquem comigo. Todos os outros levem os doentes ao porão e fiquem com eles."

"Mas Waa I Saang, e o senhor?"

"Obedeçam-me. Não pode ficar suspensa a operação. Continuarei."

Ouviram-se os bombardeios por cima do Hospital. O médico costurou a incisão com destreza. Olhou ligeiramente para os auxiliares:

"Desçam ligeiro para o porão."

"Mas doutor, e o senhor e o operado?"

"Levá-lo-ei para o corredor, onde os vidros ainda não foram postos de novo. Será mais seguro."

No lado de fora, um terror indescritível dominava a cena. Nas vielas e ruas estreitas morreram centenas nos incêndios; nos poucos abrigos, outras centenas foram esmagadas pelas multidões que procuravam forçar a entrada. Para a chácara do Hospital, correu uma multidão enorme, na esperança de que a bandeira americana pintada no teto, ao lado das cruces vermelhas, sinais de hospital, os protegessem.

Bill conduzia o operado para o fim do corredor sem janelas, mas veio uma bomba e acertou justamente ali, jogando tanto o paciente quanto o médico ao chão, entre cascalhos de destroços. Um buraco enorme foi aberto acima deles, mas, pela providência divina nem o médico nem o operado foram atingidos. Quando a equipe do hospital chegou, encontrou Bill e o doente agradecendo a Deus a salvação. Todos se ajoelharam e com corações agradecidos derramaram lágrimas de alegria. Mas não houve tempo para demoras. Os feridos afluiram de toda a parte. Traziam moribundos em pranchas, em portas arrancadas e em cestas. Bill, com sua equipe, cortou, emendou, grampeou, deu pontos durante toda a noite. Gemia quando um coração fraco parava, e regozijava-se ao ver a cor voltar a uma face pálida.

A sala de espera parecia um açougue. Corpos quebrados, rasgados e ensangüentados, de homens, mulheres e crianças co-

briam o chão. Todas as camas foram ocupadas e os corredores transbordavam de gente sofredora e moribunda.

O cirurgião, com o uniforme profissional manchado de sangue, pela manhã, da janela do quinto andar do edifício, olhava a velha cidade. Uma terça parte havia sido destruída e milhares de refugiados andavam a esmo, procurando algo para satisfazer-lhes a fome.

Bill Escapa de um Tiroteio em Cantão

Algumas semanas depois do bombardeio de Wuchow, Bill foi obrigado a seguir para o litoral, a fim de resolver com os colegas missionários, em Cantão, quanto às providências a tomar quando a China caísse nas mãos dos japoneses.

Ao chegar em Cantão, soube que as forças inimigas estavam a uns 30 quilômetros. Bill resolveu retornar, mas no cais não encontrou transporte algum, nem mesmo uma sampana. O jeito era oferecer seus empréstimos ao hospital batista em Cantão. Dentro de mais algumas horas, através de rumores e boatos, o povo soube que os japoneses estavam às portas. Daí começou o pânico: as pessoas saíram correndo aos milhares, fechando todas as passagens. Pisaram os mais fracos e deixaram muitos mortos em plena rua.

Bill e Eugênio Hill estavam carregando os feridos para o hospital, mas não podiam abrir passagem, e tiveram de abandonar tudo. Os primeiros tanques inimigos atravessaram a praça, varrendo fogo por ambos os lados. Os gritos desesperados, o roncar dos aviões e o pipocar dos fuzis aumentavam o terror.

Um crente chinês, correndo através da praça, reconheceu Eugênio Hill e dirigiu-se para eles, gritando: "Pastor, pastor, salve-me!", mas, diante dos dois, cambaleou e caiu morto. Dentro de alguns segundos, uma dúzia havia caído ali na praça.

"Voltemos, ou seremos mortos", gritou Bill.

A correr quase sem fôlego, mal conseguiram chegar na casa de Eugênio e se deitar rente ao chão, quando a casa foi atingida pelas balas dos tanques. O reboco das paredes cobriu-os, e a calça quase os sufocou. Depois de uns quinze minutos imóveis, Bill engatinhou até à porta e, cautelosamente, abriu uma brecha, mas foi o suficiente para receber nova rajada de fogo. Esperaram mais uma hora, e combinaram que cada um correria para o hospital sem esperar pelo outro. Eugênio chegou primeiro e

olhou para trás sem perceber o seu companheiro, mas, naquele instante, este dobrou a esquina, as pernas compridas, cobrindo a distância com muita rapidez, com as balas caindo na frente e atrás, quase roçando nele.

No porão do hospital, descobriram 268 refugiados, mas logo o número foi aumentado pela chegada de inúmeros soldados e civis feridos. Bill trabalhava com a luz de uma lanterna, para aliviar-lhes o sofrimento. Depois de dois dias, o fogo cessou e os dois missionários procuraram a guarda japonesa. Mostrando-lhe as carteiras de identidade, conseguiram permissão para sair. Bill obteve passagem num navio de guerra britânico, que partiu para Wuchow no dia seguinte. Ao chegar lá, julgavam-no prisioneiro ou morto, e oraram incessantemente para que Deus operasse um milagre em seu favor.

A Segunda Guerra Mundial

A confiança dos japoneses pelo êxito obtido na China levou-os a bombardear a Marinha Americana em Pearl Harbour, nas ilhas do Havai. A guerra prosseguiu pelo mundo inteiro. Era a Segunda Guerra Mundial.

O hospital em Wuchow estava com falta de remédios, equipamento e auxiliares. Mas Bill, com toda a responsabilidade da administração e da parte técnica, uma vez que o casal Beddoe estava na América, não recusou aceitar o governador da província de Kwangsi, H. Wong, na iminência de morrer devido ao apêndice supurado. Ele estava muito mal. Numa intervenção cirúrgica que causou admiração aos seus auxiliares, já acostumados às proezas de seu chefe, Bill salvou a vida do governador e cuidou dele pessoalmente, até a crise passar. Ao recuperar a saúde, o oficial agradecido procurou presentear Bill com dádivas caríssimas, mas estas foram gentilmente recusadas, como também a condecoração oferecida.

O governador não se esqueceu do esbelto cirurgião que tanto fizera em seu benefício. Três embarcações fluviais foram deixadas ao dispor do corajoso médico, para quando este achasse por bem abandonar o Hospital diante do incontido avanço japonês.

O médico demorou até a última hora, mas no dia 12 de setembro deu ordens para levarem todo o equipamento hospitalar para os barcos. Seus auxiliares receberam a tarefa de despedir os últimos doentes. Bill, pessoalmente, dirigiu a arrumação das cargas a bordo. Seu sonho era prosseguir rio acima, até encon-

trar um lugar onde pudesse manter um serviço clínico, enquanto aguardaria a possibilidade de voltar a Wuchow. Mas, havia inimigo japonês por todos os lados e não foi possível realizá-lo.

A equipe de Bill procurou refúgio nas cavernas, em templo confuciano, nas florestas. Contudo, seu chefe e amigo não consentiu que se dispersassem. Ao todo, eram 55 médicos e enfermeiras. Eles ainda formavam o Hospital Memorial Stout, apesar das camas serem esteiras e as salas de operações serem ao ar-livre. Sem comida adequada, quase todos adoeceram de malária ou de cólera. Durante um mês não se perdeu nenhum da equipe, mas na vila de Poseh as bombas caíam por toda a parte. Ali Dr. Pok teve uma hemorragia, proveniente de uma úlcera, e morreu nos braços do Dr. Bill. Este não abandonou o lugar antes de dar um enterro cristão ao seu fiel auxiliar.

A fome levou-os a dividir cuidadosamente o pouco arroz que lhes restava. Bill, porém, deu sua porção a uma enfermeira doente, e naquela noite uma outra o viu apanhando no chão uns grãos que caíram da panela, tamanha era a fome. Todos ficaram tão fracos, que mal podiam se manter em pé, mas administravam medicamentos e operavam diariamente centenas de refugiados doentes. Todos os dias realizavam cultos de louvor a Deus por lhes haver preservado a vida na presença constante do inimigo.

Cessa o Conflito

No dia 14 de agosto, dia da cessação do conflito, o imperador japonês rendeu-se incondicionalmente e retirou seus exércitos da China. Um mês mais tarde, com o auxílio das forças armadas americanas, a equipe do Hospital Memorial Stout começou seu estranho retorno a Wuchow. Durante quatro dias, as barcas foram conduzidas por lanchas a motor rio abaixo. Quando o grupo a bordo viu as luzes de Wuchow, levantou-se, e as vozes repletas de alegria cantaram:

“Ó raças, tribos e nações, ao Rei divino honrai.

A quem quebrou os vis grillhões, com glória coroai...”

A bordo, Bill mostrou a uma enfermeira a carta que havia escrito à irmã e que dizia tudo nestas palavras:

Querida irmã:

Wuchow

Com amor,

Bill.

O edifício do hospital permanecia de pé, mas o interior e a chácara estavam em ruínas. Os japoneses serviram-se do andar térreo como estábulo da cavalaria. Os canos e esgotos foram entupidos propositalmente. Partes do teto desapareceram. Não havia mobília, a não ser destroços aqui e acolá. O pessoal recuperou e limpou o equipamento à mão. Lavou e pintou o andar térreo. Bill fabricou, de latas de gasolina japonesa, um reservatório para água, que ferveu dia e noite. Lançando mão do conhecimento mecânico que conservava da juventude, construiu um gerador elétrico, movido manualmente, a fim de fornecer energia e luz à sala de operações. Num momento dramático, mandou sair todo o pessoal do prédio, e extraiu ou esvaziou as espoletas de três bombas japonesas ainda ativas.

Um colega disse que o médico-missionário não parava dia e noite. “Nunca parece pensar em si. Dorme numa esteira com um tronco liso de madeira, servindo de travesseiro. Encontramos três camas antiquadas, mas me deu uma e mandou as outras duas para o dormitório das enfermeiras. Um dia, arranjei um pouco de leite de búfalo, aveia e manteiga da Índia, e ao ouvir os elogios dele, julguei que fosse um banquete principesco.”

Ele possui um entusiasmo ingênuo por coisas simples da vida. Uma noite, ouvindo o grito dele, as enfermeiras correram à toda, julgando que fosse algum acidente. Ele queria que presenciassem a primeira lua cheia, depois de nosso retorno a Wuchow!”

Só depois de dois meses de reabertura do hospital, Bill foi informado duma epidemia de febre tifóide no cárcere local. O lugar transbordava de prisioneiros políticos, além de muitos criminosos. O médico fez ver aos vereadores que o tifo constituía uma séria ameaça à população da cidade (pois não sentiam a mínima compaixão pelos presos), e obteve permissão para a equipe hospitalar extinguir o tifo.

Diariamente, com um grupo de pessoas que se apresentaram espontaneamente, visitava as imundas celas e os infelizes ocupantes que definhavam pela doença. Até os mais desconfiados e endurecidos chegaram a conhecê-lo como um anjo de misericórdia. Ameaçava e chegou a entrar em acordo com os carcereiros para melhorar as instalações dentro da prisão. Seus amigos e colegas se admiravam do vigor e da paixão com que enfrentava o projeto.

Bill não se descuidava das aulas aos enfermeiros e aos novos internos no Hospital. Depois de um passeio, certa tarde, despejou um saco cheio de ossos branqueados que apanhara no campo, e em pouco tempo reconstituiu o esqueleto que usava para lecionar sobre a estrutura dos ossos humanos.

4 Após a Guerra

Férias na América

Quando o casal Beddoe regressou dos Estados Unidos para Wuchow, Bill embarcou com destino à terra natal, para um ano de férias. Seu desejo era aproveitar aquele tempo para aperfeiçoar-se em certos ramos da medicina.

Chegando lá, Bill matriculou-se numa famosa faculdade em Chicago, onde frequentou aulas de cirurgia torácica e geral, e aulas de raios X. Estudava com desejo insaciável de saber mais. Fora das aulas gastava o tempo na biblioteca, devorando jornais e livros novos a fim de ficar em dia com as pesquisas mais recentes. Nas salas de operação, observava atentamente. Depois de três meses, seguiu para Nova Orleans a fim de fazer um curso especializado em medicina do câncer. Tinha observado a predominância de um certo tipo de câncer de pele entre o povo chinês. As notas e observações que fez foram, mais tarde, entregues à equipe médica do hospital e a outros médicos de Wuchow.

Poucos dias antes de voltar à China, Bill recebeu um telefonema especial do Dr. Acuff, médico amigo desde a infância, dizendo-lhe: “Guilherme, trago boas notícias. O Colégio Internacional de Cirurgiões elegeu-o, hoje, como membro!”

Bill ficou estupefato! Sabia que Dr. Petters era conhecedor de alguns casos anormais que operava em Wuchow, e durante o ano corrente havia pedido os fichários e fotografias do Hospital Memorial Stout, mas ser membro do Colégio Internacional de Cirurgiões? Nunca sonhara auferir tal honra!

— “Não sei o que dizer, Dr. Acuff. Não mereço privilégio tão grande.”

— “Você merece, Guilherme. Talvez mais do que muitos outros. Suas intervenções cirúrgicas são de tal natureza e em tal escala, que, em comparação, nós outros parecemos iniciantes. Você é digno desta honra e sinto prazer em ser a pessoa encarregada de transmitir-lhe a notícia.”

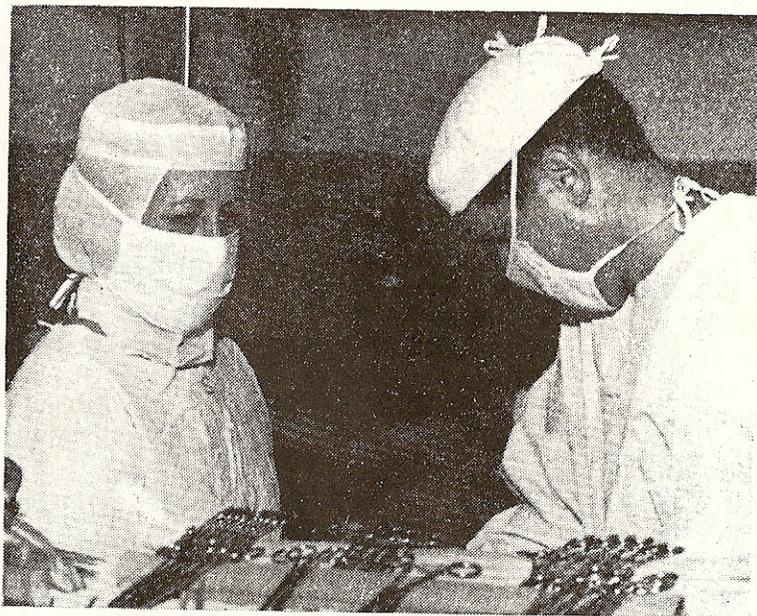
De Volta à China: Cirurgião-Chefe

Com a aposentadoria do casal Beddoe, o Hospital Memorial Stout ficou oficialmente nas mãos hábeis de Dr. Bill Wallace, que passou a ser administrador e cirurgião-chefe. Depois das despedidas é que Bill reconheceu quanto amava seu colega veterano, de natureza tão diversa da sua, que havia concluído sua tarefa na China.

No fim do ano, o relatório enviado à Junta dizia: “Todo esforço se tem despendido para que a missão deste hospital seja realizada. Os cegos vêm e os coxos andam; os leprosos são limpos e os surdos ouvem; aos pobres é anunciado o Evangelho... Esperamos e suplicamos ao nosso Deus que a assistência médica desta Instituição esteja à altura do glorioso Evangelho que se prega diariamente dentro destas paredes.”

Dr. Bill Wallace cria com todas as veras de sua alma na eficácia da oração. Lia e repetia, constantemente, Tiago 5:14-15 aos médicos e enfermeiros: “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja e orem por ele, ungiendo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente e o Senhor o levantará e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados.” Contava com a habilidade e as drogas medicinais como recursos dados por Deus, mas não os únicos, na hora da enfermidade. Clientes que ele tratava eram salvos inexplicavelmente em face do que aparentava morte inevitável, de tal modo que ele teve que crer firmemente no poder que operava além dos dedos do cirurgião.

Uma epidemia paratifóide grassava em Wuchow. Bill mandou vacinar todo o pessoal do hospital e novo soro foi necessário. Guardaram-no na mesma prateleira em que havia vacinas velhas para febre tifóide. Por engano, Bill recebeu uma destas injeções e foi vítima da insidiosa doença. Os médicos chineses fizeram tudo para aliviar-lhe o sofrimento, mas a febre subiu e ele de-lirava dia e noite. Seu amigo particular, o missionário Newbern,



A missionária-enfermeira Everley ajudando na sala de operações.

de outra denominação, sabendo que a vida de Bill estava em perigo, apressou-se em chegar ao seu leito. Reconhecendo-o, Bill agarrou-se a ele: "Mande todos sair; tenho uma confissão a fazer."

Newbern segurava-lhe as mãos: "Está bem, Bill, acalme-se, você vai ficar bom."

"Por favor", a voz era fraca, mas insistente, "por favor, Newbern, ouça a minha confissão."

O missionário Newbern mandou que todos saíssem do quarto. Com lágrimas rolando pela face, contemplou o sofrimento do amigo médico que delirava. Depois de uns instantes, voltou a si.

"Pequei contra o Senhor, Newbern. Negligenciei-O terrivelmente." Gemia enquanto o amigo o ouvia pacientemente. "Eu me dediquei mais à prosperidade material do hospital do que a Ele. Ocupei-me com tanta coisa e menos com Ele." Bill esforçava-se para levantar-se, mas caiu novamente. "Ore por mim, meu amigo, ore por mim."

Newbern mal podia orar em voz alta, tão emocionado ficou diante do coração exposto do amigo tão ingênuo, cheio de uma fé tão simples. Ao terminar, Bill engasgava: "Deus é suficiente." Ele podia pôr a confiança no Senhor Todo Poderoso, contudo, a doença continuava a debilitá-lo. O corpo assolado pela alta febre contorcia-se, e seus lábios secos e rachados emitiam sons sem nexo. Dr. Wong Taai Ning, que não o deixava, mal sentia-lhe o pulso. O amanhecer de um novo dia trouxe a luz do sol, mas não alimentava nenhuma esperança no coração do médico. Com espírito perturbado, ele olhava através da janela para o rio, mas o movimento na chácara atraiu-lhe a atenção e olhou para a multidão taciturna e esperançosa ali em baixo. Ali estavam cules, negociantes, mendigos e magistrados, que durante a noite vigiavam o amado enfermo. A enfermeira Luk saiu à porta para levar-lhes notícias, e o gemido baixo emitido fez Dr. Wong reconhecer a estima e a afeição que as massas dedicavam a Bill Wallace.

Dr. Leung, o cirurgião-residente, entrou no quarto.

"Como vai Waa I Saang?"

"Fraquíssimo."

"A febre o emagreceu."

"Bastante magro, mas ele nunca teve muita carne."

"É verdade. Sobe e desce as escadas incessantemente."

"Trabalha demais."

"Há alguma coisa que possamos fazer?"

"A tifoide virulenta dá sempre nos estrangeiros. O pulso está mais fraco. Temo por sua vida."

"Ai!"

A missionária Jessie Green, que trabalhava como itinerante em Wuchow, telegrafou a Cantão e dois médicos novos e uma enfermeira, que estavam estudando a língua ali, vieram imediatamente para Wuchow. Uma transfusão de sangue e alguns remédios foram administrados.

Esperavam e oravam, tanto os da equipe do hospital como a multidão que aumentava hora após hora na chácara e na rua. Missionários de todas as denominações evangélicas oravam também e aguardavam. No convento localizado no subúrbio de Wuchow, os padres que Bill medicara durante anos igualmente rezavam.

No declinar do dia seguinte, quando a enfermeira banhava o rosto do doente, ela virou-se para o médico que estava sentado próximo ao leito e disse: "A febre está baixando". Imediatamente ele tomou o pulso do doente e sussurrou com alívio: "O pulso está mais forte. Viverá!"

Quase no mesmo instante, ouviu-se ali em baixo o forte clamor da multidão: "Waa I Saang está melhor. Vai viver." E realmente ele sarou.

Em poucos meses Bill reassumiu todas as suas responsabilidades. Sendo grandemente aumentada a equipe do hospital, sentiu-se mais livre para viagens evangelísticas às vilas ao redor. Comprou uma barca, na qual instalou um motor de alta potência e, rebocando uma sampana, partiu com doze obreiros, equipamento, medicamentos, roupa, alimento, Bíblias e folhetos. Nas vilas dividiam-se em grupos para os diversos ministérios que sabiam exercer. Bill com uma enfermeira serviam numa clínica ao ar livre e tratavam com desvelo todos os doentes que apareciam, na maioria, mães e crianças a quem davam injeções, purgantes e tratavam feridas.

Comunismo: o Terrível Fantasma Vermelho

O ano seguinte foi o mais feliz que Bill conheceu, apesar dos rumores que vinham do norte a respeito do comunismo, o gigantesco fantasma vermelho. Vindo da Rússia, ele penetrou na China no ano de 1920. Nos anos subsequentes foi avançando e chegou a ponto de controlar os sindicatos de trabalhadores e os camponeses. O Generalíssimo Chiang Kai-shek lutava contra os comunistas, mas caiu-lhe nas mãos e foi obrigado a assinar um trato de coexistência. Enquanto a China lutava contra os invasores japoneses, as forças comunistas no extremo norte aproveitaram a oportunidade para armar-se, treinar grandes multidões e para infiltrar-se no país com um sistema de espionagem, que lhes garantiria a vitória quando os japoneses se retirassem.

A situação era de caos.

Apesar dos esforços do Generalíssimo para disciplinar as forças armadas e evitar que aumentasse o número dos desertores militares, o Fantasma Vermelho ou o Dragão Vermelho, como era chamado o comunismo, avançava cada vez mais, devorando toda a terra.

Os comunistas já haviam tomado todo o norte da China, e agora estavam se aproximando aceleradamente de Cantão. Os

missionários que haviam permanecido em território comunista estavam sem poder fazer nada.

Eduardo Galloway e Bill Wallace resolveram arriscar uma viagem rápida a Hong Kong, a fim de receber um elevador vindo da América para o hospital. Foi uma viagem perigosa, pois elementos da vanguarda inimiga, escondidos à beira do Rio Oeste, aproveitavam a passagem de navios para mandar chuvas de balas a bordo.

— "O senhor é o companheiro dele?", perguntou a Eduardo um dos tripulantes, apontando para Bill.

— "Sim, sou. Por quê?", Eduardo respondeu perplexo.

— "O comandante deseja que os dois vão até ao camarote dele", disse o marinheiro, seguindo na frente.

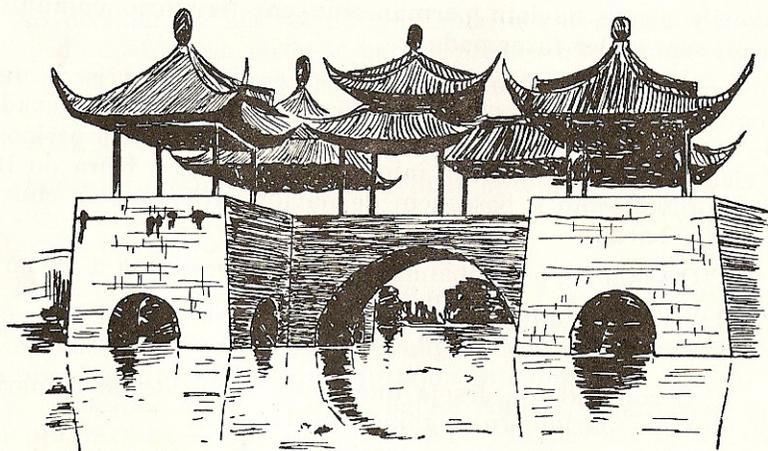
Dentro do espaçoso apartamento do comandante, o guia pediu licença para retirar-se e em breve apareceu o comandante.

Dirigiu-se a Eduardo: "Seu companheiro de viagem", apontava o comandante para Bill, "já salvou a minha insignificante vida três vezes, mas não me dá ocasião de recompensá-lo. Agora são meus hóspedes e vão ficar aqui almoçando comigo. O fogo dos comunistas está aumentando cada vez mais, e aqui dentro vocês estarão seguros." Sorrindo, o comandante indicou o teto blindado acima das cabeças. "Deste modo, pago a bondade do médico."

Acanhado com a conversa, Bill se refugiou numa pilhéria: "Eu estava acumulando um tesouro no céu, mas agora vou aceitar uma prestação na terra."

Enquanto almoçavam, sentiu-se o abalo do navio cargueiro, causado pelo disparo inimigo que acertava o alvo. No íntimo, os dois missionários deram graças a Deus pela gratidão do comandante.

Na volta a Wuchow, receberam aviso do cônsul americano de que todos os cidadãos dos Estados Unidos deveriam deixar imediatamente o sul da China. Dr. Baker James Cauthen, secretário para o Oriente, da Junta de Missões Estrangeiras, marcou uma reunião com representantes dos diversos campos chineses, para informá-los da urgência da retirada de todos os missionários da China. Três escolhas se apresentaram a cada obreiro: ficar, voltar à América ou transferir-se para um novo campo. Mas o secretário deixou bem patente que cada missionário deveria fazer sua própria decisão. A Junta apoiaria qualquer resolução tomada. Todos se entregaram à oração.



Os comunistas avançaram pelo Rio Oeste.

Em alguns casos, os irmãos chineses pediram aos obreiros que se retirassem, não que houvesse hostilidade a eles, mas sua presença como estrangeiros agora embarçava a Causa. Contudo, os crentes de Wuchow não sentiram que a permanência dos missionários impedia a obra do Senhor.

Bill foi o primeiro a anunciar sua decisão. Ficaria. A sorte do hospital, como de todo o equipamento, estava em jogo, e ele era o mais indicado para ficar como responsável, por ser solteiro e sem dependentes. Dois casais com crianças resolveram partir, mas a enfermeira Everley Hayes e a evangelista Jessie Green escolheram continuar em Wuchow. À hora das despedidas, todos se entristeceram até às lágrimas e, quando o navio levantou âncora, os três no cais deram adeus até não enxergarem mais o vapor.

A Cortina de Bambu caiu depressa ao norte da China, excluindo-os do mundo lá fora. O hospital estava cheio, e a saída da maior parte das enfermeiras-estudantes, levadas para casa pelos pais em face da crise iminente, deixou a equipe muito desfalcada. A natureza complicava a situação. Os dois rios, Fu e Oeste, alimentados pelos dilúvios, transbordaram, e as águas atingiram os alicerces da cidade. Bill, no segundo domingo de julho, andava na lama profunda a caminho da igreja, e na saída foi obrigado a voltar numa sampana. À noite, as águas invadiram a clínica ao pé da colina, e foi necessário mudá-la para o primeiro andar do hospital. As águas lamacentas se estendiam dos degraus do hospital até o pagode chinês, distante, na ladeira do outro lado, e quase toda a cidade descansava debaixo das

ondas em torvelinho. Dr. Beddoe sempre afirmava que as mais altas enchentes nunca atingiram o hospital, e quando Bill já estava a pensar que o velho profeta se houvesse enganado, as águas do pior dilúvio dos últimos dezesseis anos retrocederam, deixando em sua esteira lama, lodo, doença, casas destruídas e árvores arrancadas. Os chineses não desanimaram e iniciaram a reconstrução.

No hospital, não havia eletricidade nem água, pois o poço desabou. Numa interminável fila, as vítimas do dilúvio procuravam tratamento. De alguma maneira, a atividade incessante não lhes permitiu tempo para refletir no inexorável avanço das tropas comunistas.

Dr. Baker James Cauthen fez uma última visita de hidroplano a Wuchow, antes da cidade cair nas mãos dos comunistas. Foi recebido pelos três missionários na lancha de Bill, mas este quase não teve tempo de conversar com o visitante. Na hora do almoço, o Secretário observava que o jovem médico parecia estar sempre a correr.

A enfermeira caçoava com Bill: “O Sr. Secretário está tendo muita honra, pois a não ser aos domingos, nunca temos o prazer de almoçar com o importantíssimo Dr. Wallace.”

Bill, simulando que estava ofendido, respondeu: “Já faz muito tempo desde o último domingo. Vamos comer.”

O Secretário desejava lembrar aos três a situação perigosa em que se achavam. “O aspecto sombrio é que vocês não têm mais a proteção do governo americano, pois este não reconhece oficialmente o regime de Peiping.”

— “Os comunistas já confiscaram alguma propriedade americana?”, indagou Bill.

— “Oficialmente, não; mas, em uma cidade, as autoridades exigiram as escrituras da propriedade e permitiram aos missionários usá-las por enquanto.”

— “Parece-me que estão usurpando os direitos sobre imóveis”, disse Jessie Green.

— “Acho que deveríamos transferir incontinenti o Hospital e todo o equipamento à Convenção Batista de Leung Kwang, e talvez os comunistas fiquem menos dispostos a confiscá-los,” propôs Bill.

— “Pode ser depois, mas agora mesmo os proprietários estrangeiros têm tido melhor sorte do que os chineses”, respondeu Dr. Cauthen.

— “Pertence ao nosso Senhor”, continuou o Secretário, “e cremos que ele há de utilizar o patrimônio para a sua honra, aconteça o que acontecer.”

Bill concordou dizendo: “Somos ovelhas do Seu pasto. Sem o cônsul americano não estaremos abandonados, pois temos como companheiro inseparável o nosso Senhor.”

Ao se despedirem do Secretário, este lembrou-lhes: “Muita gente, através do mundo, estará orando por vocês.”

— “Estamos contando com suas orações”, responderam os três.

Os comunistas avançaram pelo Rio Oeste. Nos fins de outubro, o povo de Wuchow estava dominado pelo pânico. As lojas fechavam-se antes do pôr-do-sol; havia menos pessoas nas ruas e maior ousadia nos ladrões. Um grande contingente de soldados nacionais se encontrava na cidade, residindo em tendas à beira do rio, e outros, nas velhas fortificações, nos altos, mas os comunistas locais se ocupavam dia e noite em espalhar discórdia e boatos, em preparo para a vitória de seu partido.

No fim de outubro, Bill e Everley Hayes só tiveram duas alunas na Escola de Enfermagem e, portanto, resolveram suspender as aulas. Naquela noite, ouviram pelo rádio que a cidade de Kweilin havia caído nas mãos dos comunistas. A notícia significava que Wuchow era o único posto missionário em toda a China que não estava em poder dos comunistas.

Bill chamou as duas moças ao Hospital uma tarde, dizendo estar ouvindo o som de metralhadoras. Subiram a escadaria que conduzia ao teto e, daquele ponto estratégico, viram as balas atacantes, sendo lançadas de uma moita de bambu sobre a cidade. De lá também, viram os soldados comunistas correndo agachados para dentro da cidade.

Dali a duas horas, compridas filas de soldados em farda verde, marchavam através de Wuchow. Calçados de “tênis”, pernas enroladas em pano, mas nas cabeças gorros macios, na frente dos quais reluzia uma estrela vermelha.

Wuchow, o Hospital Memorial Stout e os três missionários americanos se encontravam atrás da “Cortina de Bambu.”

5 Sob os comunistas: Prisão e Morte

Ameaças

O Partido do Povo, como os comunistas se chamavam, fazia tudo para ganhar a confiança dos cidadãos de Wuchow. Numa certa manhã, à entrada da cidade, um grande contingente de soldados entrou nos portões do hospital e exigiu acomodações. Bill cortesmente explicou que não havia espaço, mas diante das ameaças indiretas do oficial responsável, cedeu o andar térreo. Passaram apenas uma noite e foram-se.

— “Não é possível!”, a enfermeira Everley respondeu enfaticamente a um funcionário da nova administração da cidade.

— “O que é Everley?” perguntou Bill que passava, vindo da sala de operações.

— “Este senhor exige dez enfermeiras para marchar numa parada daqui a uma hora. Não posso dispensá-las, pois temos número insuficiente para o serviço normal. Nós somos um hospital e não uma unidade para desfiles.”

— “Este hospital tem que cooperar com o Partido do Povo, se ele deseja a proteção e sanção do governo. A vossa cooperação será prova de boa vontade”, disse o funcionário.

Everley quis responder à altura, mas Bill a impediu. “Nosso hospital será representado na parada.”

O oficial curvou-se e saiu.

— “Mande quatro enfermeiras; queremos mostrar nossa boa vontade”, disse Bill, sorrindo para ela.

“Mas o homem...”, ela ia dizendo, porém silenciou e fez sinal ao médico, pois um novo empregado fazia a limpeza perto, tendo escutado toda a conversa. Quando ele passou para o corredor, Everley queixou-se:

— “Não confio neste empregado. Ele sempre tem o ouvido pregado nas conversas. Aparece sem pedir licença no meio das enfermeiras quando estão conversando. Será que ele é espião?”

Bili coçava o queixo — “Pode ser, Everley. Já se infiltraram em toda a parte. Dr. Chan diz que as paredes têm ouvidos. Muita cautela ao falar em política.”

Os jornais deram notícia de uma “parada espontânea”, como prova de simpatia do povo pelo novo governo.

O templo da igreja batista foi requisitado para uma reunião do Partido, e quando o pastor protestou dizendo ser aquela a noite regular de oração, o oficial prometeu que o comício terminaria antes. De fato, os assistentes ao culto entraram no templo desocupado, mas as paredes foram cobertas de cartazes políticos, e os bancos cheios de literatura propagandista.

A equipe de enfermeiras foi obrigada, semana após semana, a tomar parte em demonstrações. Os estudantes foram persuadidos a se matricular em cursos de doutrinação comunista. Algumas enfermeiras deixaram o hospital para unirem-se às organizações da Juventude promovidas pelo Partido do Povo.

Em breve, os julgamentos públicos começaram. No início, apenas os déspotas conhecidos compareceram ao tribunal, mas o povo aprendia um novo tipo de julgamento: — o da ralé. Exigiu-se que o populacho comparecesse às tribunas abertas ao ar livre, dirigidas por elementos subversivos embaralhados na turba; esta aprendeu a apoiar através de sinais convencionais.

Os primeiros julgamentos que se realizaram foram dos culpados pelo crime de serem proprietários. As massas, convocadas cedo de manhã, foram incitadas ao frenesi pelo cantar de modinhas e coros e a repetição dos lemas comunistas.

Quando os proprietários foram trazidos das prisões, as turbas os saudaram com tambores e címbalos, obrigando-os a marchar como animais numa parede de circo, com as mãos amarradas às costas.

Os julgamentos começavam com discursos compridos sobre a democracia, a vontade e a opinião públicas. Introduziam os acusadores, muitas vezes mulheres, que gritavam à multidão depois de cada acusação: “O procedimento dele é justo?” Todos gritavam: “Não!” O juiz perguntava: “Deve ser castigado?” E a turba, a uma voz, respondia: “Sim!”

No meio desta desenfreada insensatez, o Evangelho de Jesus Cristo continuava a ser pregado no Hospital Memorial Stout. O tenro ministério de Dr. Bill e de sua equipe, dedicados ao amor e não ao assassinio, à paz e não ao pavor, contrastava sensivelmente com as cenas nas ruas. No entanto, as condições sob as quais serviam se tornavam mais e mais impossíveis.

Em Perigo Bill e o Hospital

Em julho de 1950, um grupo de funcionários comunistas procurou Bill, a fim de cobrar do hospital um pesado imposto. Sem poder pagar a importância, ele resolutamente recusou fazê-lo, insistindo que seria ilegal e que o Governo do Povo não ia pôr empecilho a uma instituição de caridade. Temendo a perda de seu querido médico, o povo de Wuchow fez um abaixo assinado, e uma comissão se encarregou de levá-lo à sede do governo comunista em Cantão. O hospital foi isento do imposto, mas a comissão, inconscientemente, revelou às autoridades a estima em que o povo do sul da China tinha o hábil médico americano. Os comunistas estavam no auge da guerra coreana, aliados às forças do norte da Coréia contra as das Nações Unidas, ao Sul. Lançaram uma campanha antiamericana, que alcançou proporções fantásticas.

Em Wuchow, o único americano que o povo conhecia era Dr. Bill Wallace. Sua vida e o impacto de seu ministério no meio deles tornavam sem efeito as acusações inflamadas. Raciocinava o povo: — Não era o Waa I Saang o melhor médico em toda a China, o herói da guerra contra os japoneses, o amigo das crianças, o homem mais desinteressado que jamais conheceram, uma vida acima de qualquer suspeita?

À noite de 18 de dezembro, Bill fez a inspeção final antes de se retirar. O soldado comunista, que operara, na noite anterior, de apendicite supurada, ia viver. Uma velhinha, que havia sido operada por ele de vesícula, parecia melhor. Parou à mesa da enfermeira noturna, a fim de deixar instruções minuciosas, pois apesar do número de pacientes, ele assumia a responsabilidade pelo tratamento de cada um.

Cansadíssimo, o médico resolveu ir para seu quarto e dormir as primeiras horas da noite, pois esperava um caso obstétrico mais tarde.

Às três da madrugada, uns soldados da cidade trouxeram uma dúzia de jovens instrutores doutrinados no marxismo a uma pequena sala no centro de Wuchow. Ali foram dadas as instruções de sua missão naquela noite. Deveriam ir à casa de Dr. William Wallace e fazê-lo prisioneiro, pois era um espião americano. Os instrutores, acompanhados por uns trinta soldados, marcharam silenciosamente até os portões do hospital. Todos se esconderam, menos dois, que, ao serem atendidos pelo vigia noturno, disseram: “Temos um doente aqui. Abra o portão.” Este se abriu e a soldadesca rapidamente se dispersou para os seus postos anteriormente indicados. Uns reuniram toda a equipe hospitalar, outros foram acordar Bill, obrigando-o a acom-

panhá-los aonde os outros estavam reunidos. O oficial que comandava os soldados falou:

— “Sabemos que isto aqui é um covil de espiões. A República do Povo sabe que muitos de vós sois contra-revolucionários. Ela não tolera mais isto. Dr. Wallace é conhecido como o espião número 1 no sul da China, e não lhe será permitido continuar suas atividades clandestinas.”

Ouviram-se os protestos de todos: “Não é verdade, Waa I Saang, não! Não têm razão!”

A voz áspera do oficial exigiu silêncio: “Temos provas. Ou vós fostes enganados ou fazeis parte da conspiração contra o Partido do Povo.”

Bill não se conteve: “Somos médicos e enfermeiras da equipe hospitalar, ocupados em curar o sofrimento e a doença, em nome de Jesus Cristo. Não temos outra razão de estar aqui.”

— “Falas altivamente, mas temos provas.”

Levando dois membros da equipe, Bill e o empregado pessoal deste, o oficial e os soldados saíram em direção ao quarto do médico. Ali, um soldado meteu a mão debaixo da cama de Bill, trouxe de lá um pacote e desembulhando-o exclamou: “Eis aqui a prova.”, e mostrou a todos um pequeno revólver.

O empregado gritou: “Esse pacote não é daqui — nunca o vi.” Mas o oficial bateu-lhe na boca e o ameaçou com a coronha do rifle.

Bill prontamente afirmou: “Não possuo qualquer arma e não sei donde veio esta, pois nunca a vi antes.”

O oficial informou a Bill que ele era prisioneiro do Governo do Povo, e seria conduzido à polícia para investigação. Bill deixou a chácara do hospital, saindo entre dois soldados, para nunca mais voltar.

Defrontando-se com as acusações de espionagem, as quais ele negou, Bill foi colocado numa cela e deixado a sós por uma semana. Mandaram as refeições do hospital, e ele pregou o Evangelho ao carcereiro, mas, no fim da semana, não lhe foi permitido receber mais as refeições de fora. À noite do mesmo dia, todos os cidadãos de Wuchow foram convocados a aparecer num dos maiores salões da cidade, e ali o oficial que levou o médico prisioneiro informou-lhes que este era um espião americano, assalariado pelo presidente dos Estados Unidos para trair a China. Falou no revólver e alegou outras atividades subversivas. Então, dirigindo-se à multidão, pediu que qualquer pessoa presente apresentasse acusação contra o médico. Ninguém entre o povo apresentou. A reunião foi despedida em silêncio.

Os oficiais da prisão preencheram um formulário para Bill assinar, dizendo o nome, a idade, a profissão, o estado civil e

outros fatos. Ele leu e assinou, mas depois escreveram a máquina que ele havia sido enviado à China como membro do Serviço Secreto do governo americano. Publicaram o documento como confissão de culpa, assinado por Bill.

Sofrimentos e Morte

Pelas ruas principais, Bill foi exposto com acusações obscenas, escritas em cartazes às costas. Dia e noite, foi conduzido ao quarto do interrogador e ali, hora após hora, foi obrigado a ouvir uma lista de crimes que só “os demônios do inferno poderiam ter composto”. Berravam-lhe as acusações com veemência. O médico, sensível e humilde, horrorizava-se diante da afirmação de incompetência cirúrgica. Não lhe foi permitida a defesa e quando o viram quase a desmaiar, devolveram-no à cela nua, sem proteção contra a umidade, o frio e a sujeira.

Bill enfrentava a maior crise de sua vida. Não uma luta física, mas uma luta para conservar o juízo. Ouviram-se da cela os gemidos agonizantes. Em pedacinhos de papel, com um lápis minúsculo, escreveu afirmações num esforço titânico de concentrar o pensamento na âncora de sua fé, algumas passagens das Escrituras; outras, protestos de inocência e contestações às acusações falsas. Depois das interrogações desumanas, seguiram-se delírio, choro e desmaios. Outros prisioneiros ainda não sujeitos à “lavagem cerebral”, testemunharam o assalto demoníaco a um dos espíritos mais cultos que conheceram, mas estavam indefesos para socorrê-lo. Era uma batalha em que Bill e o Senhor que o segurava combatiam o inimigo implacável.

Os comunistas esperavam que ele repudiasse publicamente tudo o que era e tudo o que representava, mas ele resistiu até do que julgavam que seria capaz. Os guardas empurravam compridas varas com pontas metálicas por entre as grades da cela, agulhoando o corpo do médico até à inconsciência. Chegou a noite em que findou a luta, e Bill Wallace rendeu o espírito. Quietamente, a alma deixou o corpo atormentado e a mente exausta, e foi ter com aquele a quem serviu fielmente. Morreu para o mundo, mas estava vivo para sempre com Deus.

Pela manhã, os guardas informaram a todos os prisioneiros que o médico se suicidara durante a noite, enforcando-se. A equipe do hospital recebeu o recado para ir buscar o caixão. Everley e outra enfermeira e mais um empregado foram à prisão. Só a este foi permitido entrar na cela, mas Everley instruiu-o a reparar bem se havia os sinais inevitáveis de estrangulamento. O empregado olhou bem e não viu nenhum sinal de estrangulamento, apenas a parte superior do corpo estava coberta de con-

tusões. O cadáver foi posto num caixão barato e pregado pelos soldados. Foi permitido às duas enfermeiras, cuidadosamente vigiadas, acompanhar o féretro num pequeno bote furado, rio abaixo, sob o céu sombrio de fevereiro, a um cemitério próximo. Cavaram o sepulcro, mas não permitiram culto. Os soldados ficaram, até que a última pá de terra foi empilhada na rude sepultura.

Em poucos dias, o povo de Wuchow angariou uma oferta para levantar um memorial ao amado médico, que toda a propaganda mentirosa dos comunistas não conseguiu desacreditar. Primeiro, cobriram a sepultura com uma placa de cimento e, em plano inferior, fizeram um passeio também de cimento com degraus até à altura da placa. Uma esbelta agulha de mármore se estende em direção ao céu, com uma simples inscrição das Santas Escrituras: "PARA MIM O VIVER É CRISTO".



E assim, o jovem que procurou fazer a vontade de Deus, foi fiel até à morte.

O nome do missionário-médico, William Wallace, viverá através dos anos vindouros. Seu trabalho na China trouxe saúde e fé a incontáveis pessoas. Seu caráter, como um homem cristão, foi uma forte influência na sua cidade. O Hospital Memorial Stout, em que ele serviu, foi olhado como uma das maiores instituições médicas no sul da China.

Que cada pessoa que ler esta biografia receba inspiração para uma vida de profunda dedicação ao trabalho da Causa, procurando discernir claramente a vontade de Deus para a sua vida!